

SOBRE SER INTERFACES: AVANÇOS E DESAFIOS

Maria Cleci Venturini¹
Marilda Lachovski²

Se as ciências se constituem pressupondo uma certa noção de linguagem e de sujeito, é na transformação dessas noções que também está o deslocamento de seus (delas) limites e, conseqüentemente, de suas relações. (ORLANDI, 1996, p. 23)

A Revista Interfaces, da UNICENTRO, destaca as interfaces entre Língua e Literatura, mas aceita artigos também de História, de Ensino, de Psicanálise, de Artes, de Filosofia, de Comunicação e congrega diferentes campos teóricos que envolvam a linguagem ou pensem na/sobre suas diferentes manifestações. O Programa de pós-graduação em que a Revista se insere tem como eixos linguagens, memória, cultura e, por isso, defendemos que ‘ser’ interfaces não significa aceitar tudo, ser superficial, mas praticar a linguagem em sua pluralidade. As abordagens, o foco, a especificidade, os objetos de pesquisa e, obviamente, os objetivos, não são os mesmos, mas sempre as ciências e os saberes se fazem/constituem por linguagens. Então, a pergunta que não cessa de fazer eco é: como trabalhar com a língua – a gramática, a linguística e o mais que a envolve - deixando de lado a história, a psicanálise e outros campos do conhecimento afins? E no que tange à Literatura: como interpretar, sem considerar a história, as linguagens, a língua, os sujeitos e as ciências que buscam compreender esses sujeitos e as linguagens?

De acordo com Orlandi (1996), a linguagem tem como marca a incompletude que se constitui pelo que é silenciado, ao que não se fecha. Esse incompletude é que ancora a nossa tomada de posição, que considera, a interpretação, as disciplinas que não são positivas, como a história, por exemplo, que se constitui versões para acontecimentos, “construindo memórias” a partir de documentos e do que é compreendido como passível de ser comprovado, como nos ensinam Le Goff (ano), Henry (1997). Mesmo assim, as versões se centram em ‘horizontes de expectativa’ (KOSELLECK, 2006), a partir dos quais dotam a partir do passado, explicam o presente e constroem futuros para esse presente.

Henry (1997, p. 51-52) afirma “não há ‘fato’ ou evento histórico que não faça sentido que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências”. Mas a interpretação se dá a partir de sujeito e esse sujeito a faz a partir de uma língua. O que dizem os historiadores vale para a psicanálise, igualmente, uma disciplina de interpretação, com suas especificidades, mas que não prescinde da língua e da linguagem.

Despedimo-nos de 2022 com a publicação do último número desse ano e já nos preparando para entrar para o décimo quarto ano de circulação ininterrupta da revista. Procuramos publicar artigos de mestrados, mestres, doutorandos, doutores e de pesquisadores têm contribuído para a circulação e qualificação da revista Interfaces da UNICENTRO. Nesse último número, publica-

1 Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Docente do Departamento de Letras (DELET/G) e dos Programas de Pós-graduação em Letras da UNICENTRO e da UFPR. Editora da Revista Interfaces.

2 Bolsista de pós-doutorado/CAPES no Programa de Pós-graduação em Letras, sob a supervisão de Maria Cleci Venturini.

mos um artigo a mais, destacando as presenças das seguintes Instituições de Ensino Superior do Brasil: UEM/PR, UFSM/RS, UFAL/AL, SEDUC/PE, UFPR, UENP/PR, UFMG/UFESJ, UFPB/PE, UESB/BA, UFSC/SC, USP/SP, UNICENTRO, UFS/SC, UFCAT/ , UCPE/PE, PUCMinas, UERN/RN, UEMASSUL com os artigos que apresentamos a seguir.

As pesquisadoras Kelen Vanzi Moura da Silva e Gesualda dos Santos Rasia, em “A normalização dos discursos autoritários no Brasil contemporâneo: uma análise das ordens do dia do governo Bolsonaro sobre o ‘31 de março de 1964’”, reflete como uma memória marcada na história da política brasileira e oposta à democracia pode ser reconfigurada, discursivamente, na conjuntura atual, com efeito de inscrição em práticas democráticas. A partir das análises de Ordens do Dia “alusivas ao 31 de março de 1964”, do governo Bolsonaro, 2019 a 2022, assinadas pelo Ministério da Defesa e pelas Forças Armadas Brasileiras, as autoras abordas as categorias de condições de produção dos discursos, formações ideológicas e discursivas e contradição, conforme a Análise de Discurso de Pêcheux (1990, 2014, 2014b; 2014c, 2015) e de Courtine (1999; 2014), em diálogo com a teoria materialista do Estado de Althusser (2008) e os pressupostos de Volochinov (2021) sobre língua e ideologia.

Em “A construção dos sentidos na minissérie wandavision: Uma abordagem semiótica”, Bruna Luquez Amaral e Fernando Moreno da Silva apontam para a minissérie WandaVision (2021), original Disney+ do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM), baseada nos personagens Wanda Maximoff e Visão. Neste sentido, buscam pensar como os recursos são empregados para a produção dos sentidos na obra. Logo, amparados na semiótica greimasiana, os autores dão visibilidade às relações entre enunciador e enunciatário para a construção dos sentidos na minissérie. As análises revelam que, apesar de o enunciador ter preestabelecidas estratégias para a enunciação do UCM, em WandaVision algu-

mas delas são alteradas, principalmente em relação ao tempo na série, que se mostra diferente das outras produções.

Daniel Santos Oliveira e Débora Massmann, no artigo intitulado “Efeitos de sentidos a respeito da homossexualidade no discurso do Papa Francisco”, inscritos nas perspectivas dos estudos discursivos, tal como propostos por Pêcheux (2014a, 2014b, 2015a e 2015b) e Orlandi (1993, 2006 e 2020) investigam o processo de significação que se materializa por meio dos discursos do Papa Francisco no tocante às questões da/sobre a homossexualidade, que circularam na mídia como revolucionários. Neste sentido, refletem sobre o processo discursivo posto em funcionamento, suas condições de produção e, em especial, a atualização da memória discursiva de/sobre a homossexualidade no discurso da Igreja, no discurso do Papa Francisco.

Em “A (des)construção da maternidade no romance Suíte Tóquio, de Giovana Madalosso”, Gabriel Silva de Mello consideram a ambiência literária como um solo fértil para reflexão, ruptura e subversão de comportamentos há muito cristalizados. O artigo lança luz a uma possível leitura interpretativa do romance brasileiro Suíte Tóquio, de Giovana Madalosso, com intento de compreender a (des)construção da maternidade. O autor empreende esforços analíticos nas protagonistas do fato literário, Maju e Fernanda, uma vez que suas condutas e posições sociais acentuam performances identitárias que questionam o ideário social - espólio patriarcal - que considera a maternidade como um destino biológico a ser cumprido, ao imbricar o amor materno na Natureza mesma do ser-mulher. Para tanto, alude a Badinter (1985), Bourdieu (2012), Buttler (2003) e outros/as mais que possam somar na interpretação.

Antônia Maria Medeiros da Cruz e Lúcia de Fátima Santos no artigo “Letramento literário de professoras de língua portuguesa na formação continuada”, destacam a partir de um recorte da tese de doutorado, já concluída, uma possibilidade de contribuição para não só para a

reflexão e formação literária de professores, mas também como um subsídio para os desafios encontrados no letramento literário. O estudo foi elaborado a partir de oficinas e da metodologia da Dupla Conceitualização, pensando sobre como se dá a construção do conhecimento sobre o objeto de ensino e as condições didáticas para ensiná-lo.

Em “A ancoragem referencial da palavra vadia: um olhar para o memorável”, Luciani Dalmaschio e Leônia Magalhães Ursine refletem sobre o movimento de (re)significação da palavra vadia, a partir da Marcha das Vadias. Sob o aporte teórico da Semântica da Enunciação pensam sobre o domínio referencial que ancora a regularização do sentido dessa palavra, e, constituindo o corpus da pesquisa, por meio de buscas em plataformas virtuais, em torno de enunciados de ampla circulação social, compreendem que os efeitos de sentidos de vadia se configuram para além daqueles dicionarizados e se ancoram, em grande medida, em referenciais que constituem a representação social da mulher.

Patrícia Adriana Silva Freire e Geremice Ribeiro Oliveira Cortes, no artigo intitulado “Discurso, pandemia e fake news em/nas redes: entre os efeitos de verdade e os confrontos discursivos”, analisam como na pandemia da Covid-19 em 2020, o mais problemático do novo coronavírus, a produção e circulação de notícias falsas – ou fake News – se intensificaram fortemente nas mídias digitais, causando também uma situação de infodemia. As autoras buscam analisar o discurso das fake news sobre uso de remédios caseiros para o tratamento da COVID-19. As análises, ancoradas na Análise do Discurso pêcheuxtiana, mostram que o discurso das fake news, afetado pelo discurso do senso comum, funciona em antagonismo ao discurso científico e produz efeitos de verdade e de eficácia dos remédios caseiros ao tratamento do vírus. As mídias digitais funcionam como aparelho de interpelação ideológica, com grande adesão de internautas à posição-sujeito de

defesa das fake news.

Em “Papai, eu quero uma embaixada”: sobre a indicação de Eduardo Bolsonaro e as relações entre o já-dito e o efeito de novidade”, Daléxon Sérgio da Silva e Éderson Luís Silveira, colocam em análise o vídeo intitulado “Papai, eu quero uma embaixada”, publicado no dia 14 de julho de 2019, no 26º episódio de “Isso a Globo Não Mostra”, um quadro de humor do Fantástico, em referência à indicação de Eduardo Bolsonaro para ser embaixador do Brasil nos Estados Unidos, feita pelo seu pai, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. São mobilizados conceitos da Análise de Discurso como sujeito, ideologia, memória e formações discursivas, relacionando-os a partir do já-dito e do efeito de novidade, considerando-se as condições de produção e a inscrição dos sujeitos em determinada formação discursiva que determina o que pode e o que deve ser dito.

No artigo intitulado “Uma discussão sobre distopias literárias: a influência do século XX na criação do subgênero”, Sergio Schargel propõe-se discutir sobre a influência do contexto histórico e geopolítico na formação deste formato de uma literatura que se quer necessariamente política, tendo como marco teórico do clássico de Karl Polanyi. São colocados em questão dois dos maiores nomes da literatura distópica, George Orwell e Aldous Huxley, e busca-se então, uma reflexão sobre a importância da violência do real sobre a criação da violência do literário, e a relação simbiótica entre política e literatura.

Em “Imbricamentos/disjunções de corpos (i)móveis em Aquarius”, Thiago Henrique Ramari e Renata Marcelle Lara refletem sobre os imbricamentos e as disjunções que atravessam os laços que atam os corpos discursivos de um condomínio residencial, de uma moradora aposentada e do representante de uma construtora, na Recife contemporânea do longa-metragem Aquarius (2016). A partir da Análise de Discurso, os autores buscam compreender as relações de força que põem em confronto moradora e construtora, em vista de uma possível demoli-

ção do prédio. O percurso analítico é composto por um gesto de interpretação que toma tais corpos como corpos (i)móveis, intrincados frente à relação constitutiva que se dá entre sujeitos e cidades.

Já em “Linguagem: Notas de pesquisa descontínuas à luz da arqueologia Foucaultiana”, Rafael de Souza Bento Fernandes propõe a discussão de alguns aspectos da Arqueologia do Saber de Michel Foucault, no que diz respeito à linguagem, apresentando a proposta de “teoria geral da descontinuidade”, o autor produz uma reflexão sobre o processo ininterrupto da pesquisa de desconfiar dos próprios agrupamentos na complexa tarefa de promover análises de “séries de séries” de enunciados. Finaliza defendendo a hipótese de que a pesquisa arqueológica rompe com a concepção de linguagem como forma ou ação ao adotar a dispersão como princípio metodológico.

Lucelene Teresinha Franceschini e Loremi Loregian-Penkall fazem uma “Análise da elevação da vogal átona final /o/ em Prudentópolis e Mallet, Paraná” e trazem, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) um estudo do processo de elevação da vogal média /o/, em posição postônica final, na fala em língua portuguesa de moradores da zona rural, descendentes de imigrantes eslavos das cidades de Prudentópolis e Mallet, Paraná. Como objeto, destacam 48 entrevistas sociolinguísticas estratificadas por sexo, duas faixas etárias, etnia e três níveis de escolaridade, pertencentes ao banco de dados do projeto Variação Linguística de Fala Eslava, VARLINFÉ, e consideram que os resultados obtidos apontam uma baixa ocorrência de elevação da vogal /o/ nas duas amostras analisadas.

Em “O que fui e o que sou?: a narrativa “autobiográfica”, em Roberto, como forma de busca memorialística e descoberta identitária de Sérgio Milliet”, Maria da Conceição Santos e Elane da Silva Plácido refletem sobre a autobiografia como um gênero do discurso que apre-

senta inúmeros contornos e desdobramentos, o que torna a tentativa de uma definição fixa algo escorregadio e flutuante, analisado à luz do Pacto Autobiográfico, de Philippe Lejeune. É ponto central o primeiro capítulo da narrativa Roberto, “Infância”, as marcas autobiográficas que interseccionam Roberto a Milliet.

Em “Os processos de formulação do sujeito missioneiro nas canções nativistas: espaço de história e de memória”, de Mirela Schröpfer analisa o processo de formulação do sujeito missioneiro a partir do que se canta sobre as Missões do Rio Grande do Sul (RS), tendo como corpus alguns trechos das letras de músicas escritas pelos Quatro Troncos Missionários - Noel Guarany, Cenair Maicá, Jayme Caetano Braun e Pedro Ortaça. Amparadas na perspectiva da Análise de Discurso francesa, buscam pensar sobre a constituição do sujeito missioneiro, seu processo de identificação e também os espaços de memória e história que são referenciados.

O artigo intitulado “Uma análise do corpo que não se torna adulto em contos de Josefina Plá”, sob a autoria de Betania Vasconcelos da Cruz, propõe uma análise do corpo que não se torna adulto nos contos “Sisé”, “Cayetana” e “Siesta”, da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá, dos livros *Cuentos Completos I e II* (2014). Assim, a partir da literatura, busca-se refletir sobre o corpo como uma rede de imagens que exhibe os dispositivos políticos e as séries históricas que o produzem e o transformam. Para tanto, as autoras se debruçam sobre o conceito de biopolítica de Michel Foucault (1987), e necropolítica do historiador político camaronense Achille Mbembe (2014, 2018). Finalizam, considerando que nas narrativas analisadas, a atmosfera doméstica é vista como espaço de violação e o corpo como um campo simbólico, habitado por representações históricas dramáticas de violência, silêncio, abandono e solidão.

Em “Eu sou o mais o preto: a desconstrução dos papéis sociais de gênero na narrativa infantil *Chega de rosa!* (2013), de Nathalie Hen- se”, Yuri Pereira Amorim, apresenta uma leitura

analítica da obra literária *Chega de rosa!* (2013), de Nathalie Hense. Como mote para a pesquisa, o autor busca investigar sobre a desconstrução dos papéis sociais de gênero praticada pela protagonista e seus colegas, Alberto e Carlos. Para concluir, destaca que a literatura pode ampliar a experiência ética e estética dos sujeitos leitores; e que o gênero não é algo rígido, estável e inato, pelo contrário, é construído socialmente, sofrendo modificações com o passar do tempo e nas diferentes sociedades (BUTLER, 2021).

Davi Gonçalves, em “Who are you working for?": The role of 24 villains for reinforcing the master narrative of U.S.A history; analisa alguns eventos que ocorrem no programa de televisão *24 Horas* para identificar se e como eles respondem à narrativa mestra da história, valores e nacionalismo dos EUA. Mais especificamente, o estudo se concentra na representação de vilões árabes, russos e chineses para analisar como eles são construídos e, como tal, o que essas representações podem significar. A partir de Said (1979), entre outros, o estudo identifica como Jack Bauer, o herói da série, não é definido apenas por suas ações, mas como elas o diferem dos antagonistas, pensando-se como esse personagem significa na trama.

Em “Contribuições da psicanálise e da análise do discurso para ressignificar a linguagem e o sujeito com síndrome demencial”, Andreza Shirlene de Souza e Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo buscam compreender o sujeito de linguagem com síndrome demencial em detrimento da doença orgânica, propondo reflexões e rupturas de discursos perenizados acerca da demência. Para isso, embasam a escrita nas correntes teóricas na Psicanálise laciana e na Análise do Discurso Pêcheutiana. Logo, defendem a necessidade de se repensar acerca do sujeito com demência, não o anulando, nem focando na patologia, pois entre o sintomático e não-sintomático as fronteiras se entrecruzam, não havendo um lugar tão bem demarcado, já que nada é completo e dominante.

Joselias da Costa Matos e Sônia Maria Nogueira, trazem em “Cadê a palavra que estava aqui? O implícito comeu! Implícitos semânticos no livro didático de Língua Portuguesa”, abordam o fenômeno semântico implícito em atividades no livro didático de língua portuguesa, verificando a presença de palavras ou ideias implícitas e identificando a contribuição do trabalho com implícito no livro didático *Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, volume 1, 1º ano do Ensino Médio, de William Cereja, Carolina Vianna e Christiane Damien, (2016), PNL D 2018. Para os autores, nesse exemplar, as palavras ou ideias implícitas são abordadas de forma recorrente, e, sob a perspectiva da construção dos sentidos do texto e contribuem para a formação do leitor reflexivo e crítico.

Já no artigo “Ai palavras, ai palavras... que estranha potência, a vossa!” são colocadas em questão algumas concepções de graduandos do Curso de Letras do que sejam as palavras e suas potencialidades. O estudo foi desenvolvido a partir de quatro semestres de atividades letivas remotas, no período pandêmico (2020 a 2022), e 99 conceituações fornecidas – postadas no ambiente virtual de aprendizagem Canvas – à guisa de atividade de sondagem e/ou avaliativa. Pelo aporte teórico sociointeracionista e discursivo, a autora aponta que os estudantes procedem a escolhas (lexicais, do gênero, do estilo, etc.), e que, embora não consigam evidenciar um conceito cabal (e por vezes repetirem certas expressões formuladas nas concepções explicitadas), há uma elaboração, um ato de linguagem (nos moldes do que discute Charaudeau, 1983, 1995).

“O contexto de situação e o contexto de cultura no gênero meme” escrito por Ana Paula Santos de Souza e Shemila Rossana de Oliveira Paiva fecha a edição, trazendo um estudo de análise do Contexto de Situação e do Contexto de Cultura no gênero meme. A análise foi fundamentada na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), levando em consideração as ideias desenvolvidas por Halliday e Matthiessen (2014),

bem como pelas atualizações promovidas e apresentadas por Fuzer e Cabral (2014). Para concluir, as autoras apontam que o Contexto de Situação e o Contexto Cultural que se configuraram como importantes aliados no processo de construção de sentidos, deixando evidente que para que o uso social da linguagem ocorra é necessário ir além da materialidade linguística.

Assim, cumprimos mais essa etapa e encerramos 2022, dentro de 2023... com isso damos visibilidade ao modo como temos andando depois da pandemia e como nos debatemos com prazos, com rituais e com o muito a fazer. Damos continuidade aos trabalhos, dando a ver o trabalho realizado na pós-graduação brasileira e, principalmente, no Programa de Pós-graduação em Letras, da UNICENTRO.

Referências

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

HENRY, Paul. A história não existe? In: ORLANDI, Eni, et al. (Org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Trad. Bethânia Sampaio Mariani [et al.]. 2ª. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

KOSELLECK, Reinhart (1979 [2006]). “Espaço de experiência e horizonte de expectativas”. In.: *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto. pp. 311-337.